

## **O JOVEM JORGE AMADO E SUAS CRÔNICAS**

MATHEUS DE MESQUITA E PONTES\*

A mudança da Bahia para o Rio de Janeiro levou o jovem Jorge Amado a transitar em novos espaços sociais que, num curto período, reestruturou sua visão de mundo e sua produção escriturária. O meio jornalístico foi um desses espaços que abriu horizontes para o literato, seja na relação com outros grupos sociais, na elaboração de ideias e estilos, e na escrita de diversos gêneros.

Escrever para jornais e revistas não significava uma plena novidade ao jovem escritor, na Bahia ela já era ativo nesse ramo. Suas primeiras publicações de poemas, contos e novela – *El Rei* – se deram no jornal. Porém, na capital brasileira no início dos anos de 1930, a agitação política e sociocultural trazia novos elementos para produção de Amado, assim como novas possibilidades de inserção no meio literário e no crescente mercado editorial.

Em seus dois primeiros anos no Rio de Janeiro, entre seus 18 e 19 anos, o autor não perdeu seus laços com o jornalismo baiano. De forma avulsa escrevia para periódicos em Ilhéus e em Salvador, e, de forma orgânica, mantinha semanalmente uma coluna no jornal *O Momento* em seu suplemento “ETC”, ao produzir crônicas sobre fatos cotidianos do Rio de Janeiro e abordagens sobre a vida cultural na Bahia. A princípio sua coluna era intitulada como “Casos & Cousas” – primeiro semestre de 1930 –, sendo alterada posteriormente para “Cousas do Rio de Janeiro” – segundo de semestre de 1930 até novembro de 1931.

Serão os textos feitos para *O Momento*<sup>1</sup>, de Salvador, que abordaremos nesse artigo, averiguando pontualmente semelhanças com seus primeiros escritos ficcionais da juventude. Parte expressiva dessas crônicas Amado assinava com o pseudônimo de Alberti Borgia, sendo que, nas vésperas de lançar seu primeiro livro de autoria individual – *O país do carnaval* –, em agosto de 1931, o literato passa a identificar-se nos seus escritos. Não temos elementos para afirmar o motivo do pseudônimo, pois na introdução de várias crônicas – por meio do

---

\* Professor de História do IFMT e mestre em História Social pela UFU.

<sup>1</sup> O acesso às crônicas de Jorge Amado, redigidas para o jornal *O Momento*, foram através do acervo da Fundação Casa de Jorge Amado (FCJA). São trinta e sete recortes que encontramos, produzidos entre 02 de junho de 1930 à 30 de novembro de 1931. O acervo das crônicas para o periódico está incompleto, sendo que neste artigo não utilizaremos todos os textos encontrados.

editor – e no transcorrer destas, o autor “deixava” se identificar, porém, o fato de assinar seus textos com o próprio nome, aponta para a intensificação da construção de sua imagem como literato e intelectual das letras na Bahia e no Rio de Janeiro.

As crônicas de Jorge Amado demonstram um jovem fascinado com a cosmopolita e agitada capital brasileira, sobrepondo-a a provinciana Bahia de Todos os Santos. Ao atuar como uma espécie de emissário do jornal baiano na metrópole, as narrativas do escritor vão para além de anunciar fatos e entreter o leitor, elas descrevem uma modernidade urbana aliada à agitação política e cultural que, implicitamente, parecem estar ausentes na Bahia. Anúncios de peças teatrais e de óperas, lançamentos de livros e de filmes nos cinemas, as agitações político-militares do Movimento de 1930 e o diversificado dia-a-dia carioca, são temas que marcam as crônicas amadianas.

Apesar de ter assuntos prediletos, suas crônicas são marcadas pela diversidade temática. Em alguns casos sua coluna semanal chega a tratar de quatro a sete assuntos, e ocupa de uma a três laudas<sup>2</sup>. Com estilo marcado pelo humor e pelo sarcasmo, suas abordagens são breves e normalmente descartáveis. Para Antônio Candido (1992), as características das crônicas de Amado são comuns a de outros cronistas brasileiros, sendo o que delinea a adaptação desse gênero literário no jornalismo brasileiro é o seu “ritmo de modernidade”, dando-lhe assim uma originalidade própria.

Diferente dos grandes cronistas brasileiros do século XX que abordavam temas do presente imediato, para publicação e consumo do leitor no dia seguinte, Amado escrevia sobre o hoje para ser lido depois de um mês na Bahia. Independente da particularidade de nosso escritor, Cristiane Costa (2005) coloca que a inserção de literatos no mundo jornalístico davam-lhe “vitrine” para apresentação e consolidação de seu nome frente ao público leitor, além disso, o jornal também era (é) um lugar social que servia de “trampolim” – que atribui benefícios simbólicos –, ao garantir um capital de relações com novos horizontes para o autor. Verifica-se que para Amado as crônicas em *O Momento* serviram para reafirmar laços com seus companheiros literatos na Bahia, como também para fomentar os primeiros “diálogos” com os futuros editores de seus livros.

---

<sup>2</sup> Normalmente as crônicas não ocupavam toda a página do periódico, elas dividiam espaços com outros artigos. Infelizmente as crônicas disponíveis no acervo da FCJA foram recortadas manualmente, não tendo assim os demais textos que compunham o jornal e seu suplemento.

No plano político Jorge Amado não se apresentava doutrinário em suas crônicas. Porém, isso não significou ausência de engajamento. Com posicionamentos distintos dos seus primeiros romances e novela, o escritor se colocava como partidário do Presidente eleito em 1930, Washington Luís, e, crítico, aos agrupamentos e personalidades ligados a Aliança Liberal, seja antes ou depois de alguns meses do Movimento de 1930. A crítica de Amado sobre aquele contexto político não passava por uma abordagem densa ou superestrutural, ela emergia de fatos corriqueiros e exóticos aliados a seu humor áspero.

Ao caracterizar o perfil da crônica jornalística brasileira no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, Wellington Pereira (1994) coloca que o gênero não servia – como ainda não serve – como narrativa para aprofundar as notícias. A crônica estaria mais para um laboratório das demandas do jornalismo moderno, como também para formulações de linguagens voltadas a um público massificado. Nesse sentido, o jornalismo noticioso ou ensaístico/opinativo não eram demandas prioritárias dos cronistas brasileiros – como também de Jorge Amado –, seus esforços se centravam na elaboração de novos significados, através de temas do presente e em novas formas de linguagem, que viessem explicar sinteticamente aos leitores suas visões de mundo.

Para aprofundar a análise das crônicas do jovem literato no jornal *O Momento*, que eram escritas no Rio de Janeiro para serem lidas na Bahia, selecionamos dois eixos temáticos: 1) as observações de Amado sobre as agitações políticas de 1930, antes e depois do Movimento que leva Getúlio Vargas ao poder presidencial; 2) as observações de Amado sobre fatos que marcaram o cotidiano da metrópole.

### ***Amado e suas observações variantes sobre o Movimento de 1930***

Jorge Amado, em suas crônicas, declarou simpatias a vitória de Júlio Prestes na eleição presidencial de 1930, criticou e debochou dos rumores de golpe por integrantes da Aliança Liberal, demonstrou esperanças com a tomada do poder pelo Movimento de 1930 em prol dos intelectuais e, por último, fez oposição à integrantes do novo governo e reivindicou o retorno da ordem constitucional no país. Em pouco mais de um ano colaborando com o jornal *O Momento*, o cronista realizou um constante ziguezague em suas opiniões no campo político. Por outro lado, em seus romances do mesmo período, Amado sempre demonstrou ressentimentos com a democracia liberal e as práticas oligárquicas fisiológicas que dominavam o Brasil durante a Primeira República. No romance de 1931, seu protagonista

Paulo Rigger, criticava o “carnaval político” das massas, que num momento apoiavam a ascensão de Getúlio Vargas no poder e meses depois pediam o retorno constitucional com novas eleições para presidência. Em 1932, foi a vez de Arcanjo Coração, protagonista de *Rui Barbosa nº 2*<sup>3</sup>, em retratar e participar do jogo do poder oligárquico que dominou a República, seja antes como depois de 1930, ao demonstrar que a mudança de regime político não alterou as velhas práticas no Brasil. Nesse sentido, na produção ficcional, o literato nunca apoiou ou demonstrou simpatias a Washington Luís, Júlio Prestes e a ordem política republicana vigente até 1930.

Destoando dos primeiros romances, em junho de 1930, Amado produziu uma crônica intitulada “O Reconhecimento”, que parabenizava o Congresso Nacional pela retificação da vitória de Júlio Prestes para Presidente e de Vital Soares para Vice-Presidência, ao elogiar a solidez da democracia nacional por garantir a “vontade livre do povo brasileiro”. Aprofundando sua exaltação aos eleitos, Amado envia suas congratulações e aproveita a ocasião para atacar a oposição ligada a Aliança Liberal.

*Fez-se justiça aos méritos dos dois eminentes estadista que a frente de dois dos maiores Estados da União teem dado provas das suas capacidades de governantes.*

*Apezar de toda rhetorica do leader João Neves e da ambição estulta do pobre diabo que é Antonio Carlos, os que quieram a ruina da Pátria e o regime da anachia, forma vencidos.*

*O povo mostrou que nem sempre é um rebanho de carneiros, prompto a acompanhar qualquer pastor de voz mais ou menos maviosa... (BORGIA, 02 jun. 1930: 02).*

Em seus embates com os opositores, Jorge Amado menosprezava a Aliança Liberal colocando-a como uma frente política que se desintegrou após as eleições de março de 1930. “Aqui no Rio, não se fala mais, na extinta Aliança Liberal. É cousa que já passou” (BORGIA, 30 jun. 1930: 02). Nominalmente, o líder da frente, o gaúcho Getúlio Vargas, não chega a ser citado em nenhuma das crônicas que tivemos acesso. Porém, suas denúncias sobre a conspiração do golpe de outubro se voltavam as outras figuras públicas da oposição que articulavam o movimento.

---

<sup>3</sup> Romance que não foi publicado. Sua versão final se encontra no acervo da FCJA.

Os ex-presidentes Arthur Bernardes e Epitácio Pessoa, o ex-presidente de Minas Gerais, Antônio Carlos e os políticos/articulistas gaúchos Oswaldo Aranha e Lindolfo Collor são os mais atacados em seus textos. Ao desdenhar os opositores, Amado colocava que as massas populares eram indiferentes as ações dos conspiradores, pois sabiam que o triunfo golpista dos derrotados eleitoralmente seria a inserção de um regime autoritário no país. “Pois o povo bem sabe que uma revolução com Antonio Carlos, Bernardes e Epitácio o que se pode fazer é implantar neste verde amarelo Brasil o regimen do absolutismo. Oswaldo Aranha bancaria o novo Luiz XI” (BORGIA, 04 ago. 1930: 02).

Em seus ataques personalizados sobrou até para seu futuro biografado Luís Carlos Prestes<sup>4</sup>. Jorge Amado ridicularizou a adesão do “Cavaleiro da Esperança” aos princípios ideológicos do novo regime russo e, sua proposta – vinda do exílio argentino –, para que no Brasil se fizesse um revolução contra o capitalismo aos moldes do partido bolchevique. “Foi um desastre. Os amigos e admiradores mais do peito do general revoltoso não gostaram do novo programa” (BORGIA, 30 jun. 1930: 02). Por outro lado, na visão anticomunista do cronista, as massas “num verdadeiro gesto de patriotismo e bom senso” (BORGIA, 30 jun. 1930: 02), não deram ouvidos aos “devaneios” do ex-comandante Tenentista ao aumentar ainda mais seu isolamento com o povo brasileiro.

Na crônica do mês seguinte, Amado emitiu que o perfil mercenário de Luís Carlos Prestes seria o grande empecilho para ele não se envolver nas recentes articulações golpistas encabeçadas por Oswaldo Aranha e Antonio Carlos, pois achava “que seus ordenados eram pequenos...” (BORGIA, 04 ago. 1930: 02), já que se tratava do grande líder da invicta “Coluna Prestes” que marchou do sul ao norte brasileiro por mais de 25 mil quilômetros.

Em caráter secundário, a oposição de Amado se estendia a agitação feita pelos comunistas brasileiros e a recente URSS. Sem diferenciar claramente os comunistas dos anarquistas, qualquer manifestação política contra a ordem era justificativa plausível para cadeia, segundo o literato: “O comunismo intensifica sua campanha. Ainda há dias a polícia proibiu um meeting anarquista” (BORGIA, 18 ago. 1930: 02). Se existem “extremistas gritando” tornava-se necessário colocá-los no xadrez ou na geladeira (BORGIA, 18 ago. 1930: 02). Sobre o exemplo reivindicado pela maioria dos agitadores, o da revolução

---

<sup>4</sup> Em 1942, na Argentina, Jorge Amado lançou uma biografia elogiosa reivindicando as posturas políticas do ex-líder tenentista e dirigente do PCB. Em 1945, com o fim da ditadura do Estado Novo, a obra foi lançada no Brasil com o título: *O Cavaleiro da Esperança: a vida de Luís Carlos Prestes*.

soviética, o autor sentenciava que o modelo era advindo de uma “raça torturada” que gerava pânico a nível mundial. “Faz, sem o saber, uma blague colossal. E na sua sinceridade serão os comunistas capazes de ensanguentar o mundo” (BORGIA, 15 set. 1930: 02).

Nas suas considerações voltadas ao plano político nacional, os articuladores gaúchos ligados a Aliança Liberal eram os mais ironizados. Num jogo dúbio Amado acusava-os de serem os extremistas que queriam a revolta e, logo após, ridicularizava-os de forma sarcástica a incapacidade destes em tomar o poder. Com a morte de João Pessoa<sup>5</sup>, o cronista denunciava que: “Os elementos extremistas quiseram aproveitar a ocasião para tentar a revolta. E começaram logo no Rio Grande os srs. João Alves, Oswaldo Aranha e Flores da Cunha a fazer comícios” (BORGIA, 18 ago. 1930: 02). Na Câmara dos Deputados, parlamentares da bancada gaúcha afirmavam que a culpa do assassinato era do governo. “Que aquilo era crime político, premeditado pelos presidentes [atual e o eleito] e governadores. Disseram o diabo” (BORGIA, 18 ago. 1930: 02). Porém, um mês depois, com a euforia do concurso de *Miss Universo* no Rio de Janeiro, tendo como representante nacional uma gaúcha, Amado alegava, de forma hilária, que os revoltosos sulistas resolveram postergar a revolução para depois do concurso.

*Disseram que os Gaúchos tinham uma revolução marcada para um dia desse.*

*Passou o dia e a revolução não estorou.*

*E Lindolfo Collor explicou: - Vocês entendem, não ficava bem fazer um movimento armado com as misses aqui. Que não ficariam ellas a pensar da gente? Como veem, uma razão puramente esthetica (BORGIA, 15 set. 1930: 02).*

Vários artifícios Jorge Amado utilizou para ironicamente ridicularizar o clima de conspiração e insatisfação impulsionada pelos opositores. Debochou do churrasco gaúcho que era servido no Rio de Janeiro, alegava que o clima político estava tão tranquilo – entre os meses de julho e agosto – que as seções do Senado e da Câmara dos Deputados chegaram a ser adiadas por causa do “frio” e, que os principais líderes da oposição gaúcha, não estavam preocupados com as conspiratas e sim com o aumento de seus patrimônios. “A prova disso é que o Flores da Cunha acaba[va] de comprar um número enorme de cabeças de gado”

---

<sup>5</sup> João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque era Presidente do estado da Paraíba e candidato à Vice-presidência na chapa da Aliança Liberal encabeçada por Getúlio Vargas em 1930. Seu assassinato, em 26 de julho daquele ano – após a derrota na eleição presidencial –, foi um dos fatores preponderantes para a agitação e triunfo do Movimento de 1930 com seu golpe em outubro.

(BORGIA, 25 ago. 1930: 02). Por outro lado, os parlamentares gaúchos que insistiam na atuação opositora, o cronista os descredenciavam ao afirmar que estes eram de origem vaqueira e, que por natureza própria, adoravam uma briga e farras com gritarias.

*A bancada gaúcha, principalmente a libertadora, é de um ridículo encantador. Os rhetoricos deputados do sr. Assis Brasil, ex-vaqueiros dos pampas, sentem na câmara a falta das brigas e das arruaças tão próprias aos conductores de bois. E vivem a procura de uma rixa, um “que”, um “nada”, que sirva de pretexto a que eles gritem, fanfarroneiem, chamem de covardes aos outros deputados e queiram brigar” (BORGIA, 11 ago. 1930: 02).*

A morte de João Pessoa também serviu para desdenhar os gaúchos. Elogioso ao recém falecido, Amado narra que os cariocas estavam abalados com a morte do Presidente do estado da Paraíba – o escritor não fala em assassinato – e, que mesmo aqueles que politicamente não coadunavam com Pessoa, prestaram-lhe as devidas homenagens. Amado coloca que entre as lideranças da Aliança Liberal, ele foi o único que não abandonou o barco durante o pleito perdido, sendo que enquanto “Rio Grande do Sul e Minas se encolhiam medrosos, João Pessoa na Parahyba, continuava sozinho a lutar” (BORGIA, 18 ago. 1930: 02). Nesse contexto, o ex-candidato a vice de Vargas é apresentado com um adversário honrado e digno de respeito, fato não muito comum entre os demais opositores. Porém, dois meses antes, durante as eleições para os governos estaduais, Amado tratava Pessoa como “polichinello humorístico”, “chupa dedo”, “tolo triste” (BORGIA, 02 jun. 1930: 02), devido ao ex-Presidente Epitácio Pessoa<sup>6</sup>, que naquele momento era Ministro do Tribunal Internacional de Haia – nos Países Baixos –, ter regressado ao Brasil para pedir votos ao candidato indicado por João Pessoa ao governo paraibano.

Devido as crônicas de Amado não serem publicadas de forma imediata, levando cerca de um mês para serem degustadas pelos seus leitores baianos, não existe nenhuma nota noticiosa que anuncie os acontecimentos preliminares do movimento de outubro e dos dias após ao golpe. Um mês antes da tomada do poder, o literato retrata o bom humor e a vida corriqueira das pessoas na capital brasileira. “O carioca trabalha muito. Por esse motivo da tudo por qualquer coisa que o faça rir” (BORGIA, 22 set. 1930: 02), e reproduz algumas anedotas na sua coluna ao avaliar que algumas faziam um sucesso estrondoso e outras

---

<sup>6</sup> João Pessoa era sobrinho do ex-Presidente Epitácio Pessoa, e, para Amado, era inaceitável que o então Ministro fosse ao Brasil pedir votos com passagens pagas pelo erário público.

rapidamente caíam no esquecimento popular. Entre as anedotas, o cronista dedica atenção ao descrédito do jornalismo no Rio de Janeiro, que de tanto emitir notícias sobre a conspiração e sobre a “Revolução”, acabou virando alvo de chacota. Em sua última crônica publicada antes do golpe, no mês de setembro, o escritor rapidamente esnoba a ação “antipatriótica” do ex-governador mineiro, Antônio Carlos, de tentar a tomada do poder no dia da Independência do Brasil, e, coloca que o grande assunto que agitava a capital eram as especulações sobre os futuros Ministros de Estado do governo de Júlio Prestes. “E assim, sem nada de definitivo, muita gente é provável ministro” (BORGIA, 29 set. 1930: 02).

Em suas primeiras crônicas após o Movimento de 1930, o escritor não critica o golpe e nem menciona os conspiradores. Em sua coluna habitual na segunda página do Suplemento “ETC”, fala-se do “mulatismo” do samba carioca do bairro da Penha, das cantigas populares e da violência dos caboclos do norte brasileiro, da mulher mulata como “símbolo” do limitado patriotismo brasileiro e, do seu amigo espanhol, Severino Pazos Martinez, erradicado no Brasil (BORGIA, 10 nov. 1930: 02). Para não passar batido sobre a nova conjuntura nacional, o cronista escreveu uma outra coluna avulsa – noutra página – para abordar as anedotas/piadas feitas pelos cariocas nos primeiros dias após o golpe, porém nenhuma desdenhava o novo governo e seus principais articuladores. “Assim apesar dos momentos terríveis que a população do Rio viveu durante a revolução, o carioca não deixou de inventar um grande número de anedoctas acerca do movimento” (BORGIA, 10 nov. 1930: 04). Dentre as anedotas destacava-se a desenfreada boataria que emergiu na cidade com o eclodir do golpe, prática que gerava hilárias confusões na vida urbana e no interior dos lares. Para Amado: “Foi assim que o carioca fez a revolução. Farreando e inventando anedoctas [...]. Mesmo porque ele é o typo do “que não liga...”” (BORGIA, 10 nov. 1930: 04).

Nas crônicas feitas nos últimos meses de 1930, percebe-se que o literato não hostilizou o novo regime. A fascinação pela agitação política no espaço urbano aliava-se a perspectiva de que o Governo Provisório viesse a valorizar a juventude intelectualizada do país. As retiradas do “Sr. Ramiro Berbert e Carvalho de Brito, campeões da burrice brasileira” (BORGIA, 1 ago. 1930: 02), da máquina pública e o exílio do ex-Ministro do Exterior, o conterrâneo Octavio Mangabeira – recém “imortal” da ABL –, alegravam o cronista. A

indicação de José Américo de Almeida, autor de *A Bagaceira* (1928)<sup>7</sup>, ao Ministério da Viação<sup>8</sup> – “O grande Ministério da Revolução” (BORGIA, 15 jul. 1930: 09) –, aumentava a esperança amadiana dos intelectuais e literatos serem aproveitados em cargos públicos.

Porém, em poucos meses, as esperanças do jovem Jorge Amado com o recente regime se exauriram. Um conjunto de críticas passam a emergir após maio de 1931 e, em menos de um ano de governo, o cronista já reivindicava o retorno da vida constitucional do Brasil com a realização de eleições presidenciais. A postura que o literato condena em *O país do Carnaval*, das massas não terem paciência com o recente governo “revolucionário”, estranhamente ele assume em sua produção enquanto cronista.

Assinando com o próprio nome, Amado escreve uma crônica que especificamente analisa e crítica o surgimento das Legiões Revolucionárias pelo país. Fruto do clima político gerado pelo Movimento de 1930, o nacionalismo, na sua visão, teve terreno propício para seu desenvolvimento em bases fascistas, seguindo o exemplo do governo italiano de Benedito Mussolini. Para o cronista era:

*Vontade de ver um Brasil sem dívidas e com um hymno melhor. As legiões nasceram assim, violentamente. Primeiro desse patriotismo ingênuo. Depois da ambição dos que com ella pensavam fazer política. D’ahi seu espirito inteiramente fascista* (AMADO, 15 mai. 1931: 17).

Amado analisa em especial o surgimento das Legiões em Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Sergipe, em todas o escritor denuncia suas influências perante ao fascismo italiano e prognóstica que em breve esses agrupamentos se tornariam partidos políticos a serviço do novo regime. “Transformadas as legiões em partidos políticos, espalhados por todos os estados e com um poder central, pode ser até que nós tenhamos muito em breve um carnaval fascista de muito mau gosto” (AMADO, 15 mai. 1931: 17).

Sem domínio pleno dos princípios defendidos por alguns intelectuais e seus grupos sociais, Amado afirmava que o crescimento das Legiões e do pensamento fascista é o “melhor da aplicação no terreno político, do movimento antropohago de Tarcila e de Oswald de Andrade”, não se levando em conta que os “antropofágicos” se simpatizavam com o exemplo

---

<sup>7</sup> Para Jorge Amado (RAILLARD, 1990), *A Bagaceira* foi a obra pioneira do denominado “romance de 30” ou “romance regionalista de 30”, sendo fundamental para delinear a produção escriturária de *Cacau* em 1933.

<sup>8</sup> O Ministério da Viação de 1930, segundo o próprio Jorge Amado (BORGIA, 15 jul. 1930: 09), era responsável pelos Correios, telégrafos e outras formas de comunicação e integração nacional.

soviético e alguns se aproximavam do PCB. Por outro lado, o literato elogia o “modernista” Plínio Salgado que, apesar de ser um dos líderes da Legião em São Paulo, tinha uma proposição de “solução nacional” para o país, diferente dos demais que copiavam exemplos externos. Elogiando seu futuro inimigo no campo das ideias, o escritor avaliava que:

*De facto o manifesto que o sr. Plínio Salgado escreveu é uma bella peça literária. O romancista de “Extrangeiro” e do “Esperado” é um estudioso do problema brasileiro. É um estudioso sincero que tem vontade de acertar. E ele definiu bem o caso do Brasil. “Para o problema brasileiro uma resolução brasileira”” (AMADO, 15 mai. 1931: 17).*

Em síntese, convergindo com as proposições existentes no seu romance de 1931, Amado se opunha tanto ao pensamento fascista como ao comunista – apesar de não dominar plenamente o conteúdo dessas ideologias – como ferramentas para solucionar os problemas do Brasil. Para Amado cabia a intelectualidade brasileira a construção de uma ideologia que edificasse a nação. “Nem fascismo nem comunismo fará o brasileiro se mover do seu canto”, se naquele momento ainda não tinha um “remédio” nacional para tirar o Brasil do abismo – uma ideologia – a solução imediata para Amado é “o chicote” para combater a “preguiça desse povo” (AMADO, 15 mai. 1931: 17).

Um conjunto de políticos ligados ao novo regime são alvos das críticas debochadas do cronista. O recém interventor do Maranhão, o padre Astolpho Serra, recebeu do escritor o título de “o maior cômico do Brasil”, após decretar ponto facultativo ao funcionalismo público local no dia do batizado de seu primeiro filho que recebeu o nome de Lenine, em homenagem ao líder da Revolução Russa. Como se não bastasse, o padre após o batizado do filho, deu de presente ao pai da moça o cargo de diretor da penitenciária da capital (BORGIA, 15 jun. 1931, p. 21). Já Lindolfo Collor, Ministro do Trabalho, que segundo Amado fora farmacêutico, jornalista e adorava falar e gastar dinheiro com jornais amigos, tornara-se de repente o “ministro do silêncio”, após o operariado de São Paulo reagir com hostilidades ao discurso do Ministro que defendia os decretos trabalhistas do novo governo. “Foi enorme a manifestação ao ministro. Tão grande que muitas cadeiras ficaram quebradas. E muitos rostos também” (BORGIA, 31 jul. 1931: 01).

Francisco Campos, então Ministro da Educação, recebeu a denominação de “estudioso ministro do analfabetismo”, por não se preocupar com sua pasta e ter suas atenções voltadas

as disputas contra Arthur Bernardes e o Partido Republicano Mineiro (PRM), e, na formação ideológica da Legião de Outubro em Minas Gerais. Para Jorge Amado: “O “Tribunal Especial”, as legiões revolucionárias e certos decretos do Ministro Chico Campos são “deliciosas tolices verdadeiramente impagáveis” (BORGIA, 15 jun. 1931: 21).

Amado era crítico severo aos vários decretos do “governo revolucionário” que, segundo ele, a maioria nunca entrava em vigor e outros eram revogados no dia subsequente a sua publicação. Dos decretos da “revolução” nenhum avançou o país, mas que para solucionar o problema, o governo após um ano no poder, decretou o horário oficial de verão para avançar o Brasil em uma hora (BORGIA/AMADO, 30 nov. 1931: 07).

Sem mais esperanças com o Movimento de 1930 e seu novo governo<sup>9</sup>, Amado a partir de agosto de 1931 – um mês antes de lançar *O país do carnaval* – já defendia uma nova Constituinte para o Brasil e tratava o regime como uma ditadura que governava sobre decretos.

*Constituinte!, é o grito que se ouve em todas as bocas no Rio de Janeiro. Desde o operário humilde ao nababo, todos querem a volta do paiz ao regime constitucional. Toda a imprensa tem se batido pelo fim da ditadura que não trouxe a esse pobre Brasil resultado apreciável algum.*

[...]

*E é preciso que venha a constituinte, porque só assim nós poderemos escolher os nossos Governantes e não nos sujeitarmos a ser dirigidos por um Padre Serra ou um Álvaro Maia<sup>10</sup> (BORGIA/AMADO, 30 nov. 1931: 07).*

### ***Amado e suas observações sobre fatos que marcaram o cotidiano da metrópole***

O alvoroço das agitações do Movimento de 1930 chamaram a atenção do jovem Jorge Amado no Rio de Janeiro e, não é por acaso, pois com poucos meses na capital brasileira o literato vivenciou um dos momentos ímpares da política nacional. Dias após o golpe o cronista escreve: “No Rio de Janeiro hoje tudo é novidade” (BORGIA, 01 dez. 1930: 02). Por outro lado as belezas naturais e o perfil cosmopolita da cidade fascinavam o escritor, que afirmava: “O Rio é a única cidade do Brasil porque é a única que não é brasileira. É do mundo. Como Londres, Paris, Nova York, Tokio e Berlim” (AMADO/BORGIA, 16 jun. 1930: 02). O mesmo deslumbramento que o autor descreve em *O país do carnaval*, sobre a

<sup>9</sup> Dos Ministros, após um ano da “revolução”, apenas José Américo de Almeida a frente do Ministério da Viação, merecia os “sinceros elogios” (AMADO, 30 nov. 1931: 07).

<sup>10</sup> Álvaro Maia foi interventor federal ao Governo do Estado do Amazonas, indicado por Vargas em 1930.

cidade brasileira universal, também está presente em sua produção cronística através da valorização dos aspectos modernos da urbe. Amado descreve: “O arranha ceo da “A Noite” tem pretensões a “Torre de Babel”... O movimento é formidável. Os cinemas são formidáveis. As pequenas também. Os prédios? Formidáveis. Os jornais? Formidáveis”, enfim: “o Rio é formidável” (AMADO/BORGIA, 16 jun. 1930: 02).

Outro elemento que marcou Amado em seus primeiros meses no Rio de Janeiro foi a construção e a inauguração do Cristo Redentor. A estátua *art déco* que representa Jesus Cristo, está presente no final do enredo de *O país do carnaval*, quando o protagonista Paulo Rigger desesperado com suas tentativas frustradas em busca da felicidade, resolve regressar a Europa e roga perante a imagem uma resposta para combater suas incertezas e infelicidade. Alguns dias após a inauguração da escultura do Cristo, Amado publicou uma crônica anunciando o acontecimento aos baianos: descreveu a missa comemorativa na catedral carioca que teve um poema lido pelo editor do seu recente livro, o poeta Frederico Schimidt, versos que os padres não entenderam, mas aplaudiram; e, narrou, a concentração popular na praia, ao final da tarde, para ver o Cristo iluminado pela primeira vez. Evento frustrado, pois o céu nublado não colaborou com as comemorações, porém o cronista não perdeu a oportunidade para ironizar o momento e o sensualismo de um casal de mulatos.

*Entre eles [espectadores na praia] estava um mulato que dividia os seus olhares entre o Corcovado longínquo e um crioula que pasmava ao seu lado. No momento de se retirar o mulato fez a frase:  
- “Não vi Deus, mas vi um anjo”.  
A crioula gosou... (AMADO, 31 out. 1931).*

O anúncio de peças teatrais, de óperas, lançamento de livros e de filmes nos cinemas, dominaram as notas cronísticas do autor sobre o cotidiano da vida cultural na capital. Fã da “sétima arte” e de Charlie Chaplin, Amado nunca escondeu ao longo da sua vida a influência do cinema em sua produção literária. A princípio, em suas crônicas, o escritor tornou-se um defensor do cinema mudo, ao tratar negativamente o cinema falado como “teatro filmado”. Nessa sua polarização juvenil, Chaplin era o melhor exemplo de como se fazer o verdadeiro cinema, além disso, o ator sabia provocar reações variadas em seus telespectadores cariocas, indo do riso desenfreado à representação poética pela busca da felicidade. Sendo que no último quesito, Amado se identificava com o ator, diretor e produtor cinematográfico, para o

literato: “Charlie Chaplin criou, em Carlito, o tipo mais poético e, apesar disso, mais natural, do vagabundo [...]. É o pobre miserável que deseja tão pouco e acha tão difícil alcançar esse pouco. A luta pela felicidade” (BORGIA, 15 jul. 1931: 09). Luta quixotesca e peculiar tanto para Carlito, como para os personagens protagonistas de seus três primeiros romances.

Em julho de 1930 ocorria a primeira Copa do Mundo de futebol no Uruguai, Amado mesmo tendo consciência que milhares de brasileiros estavam interessados no evento, não relatou o resultado de nenhum jogo. Apenas após a desclassificação do Brasil, o cronista escreveu duas linhas ao colocar que a multidão “chora o fracasso do foot-ball brasileiro em Montividéo” (BORGIA, 04 ago. 1930: 02), sendo que a breve nota veio no meio do parágrafo que anunciava a vitória da *Miss Rio Grande do Sul* a *Miss Brasil*, fato que também desagradava milhares de brasileiros incluindo o cronista.

Entre os meses de agosto e setembro de 1930, Jorge Amado dedicou atenção especial aos concursos de *Miss Brasil* e *Miss Universo* que ocorreram no Rio de Janeiro<sup>11</sup>. Opondo-se a articulação do golpe pelos gaúchos que não aceitavam a derrota na eleição presidencial, o cronista também estendeu sua oposição a vitória da *miss* gaúcha que, segundo o autor, não representava a “esthetica brasileira” (BORGIA, 11 ago. 1930: 02). Insatisfeito com a escolha da sulista Yolanda Pereira a *miss* nacional, Amado fez campanha para a *Miss Portugal* no concurso internacional. Descreveu a satisfação da colônia portuguesa no Brasil em ter uma *miss* tão bela e charmosa (BORGIA, 25 ago. 1930: 02) – favorita, segundo a imprensa, para o concurso –, e o renascimento saudosista de “um amor grande e sincero” entre Brasil e Portugal, graças a simpatia e apoio popular à candidata da antiga metrópole.

Para o desgosto do cronista, a candidata brasileira vence o concurso, mas Amado não menciona o resultado do evento e muito menos cita o nome da gaúcha de Pelotas em suas crônicas. Prefere exaltar a candidata portuguesa, citar a beleza exótica da candidata grega, debochar da ignorância cultural da estadunidense, do sofrimento da *miss* aristocrata russa que vivia exilada por causa dos bolcheviques, e da ausência de beleza oriental das *miss* Turquia e Líbano que mais pareciam francesas. Para ridicularizar novamente os gaúchos, Amado

---

<sup>11</sup> O concurso de *Miss Universo* no Rio de Janeiro foi realizado pelo jornal carioca “A Tarde” no dia 07 de setembro em 1930, e foi realizado de forma paralela a outro concurso de *miss* internacional feito nos Estados Unidos. O evento brasileiro e a vitória de Yolanda Pereira não são reconhecidos pelo *Miss Universe Organization* que atualmente realiza o concurso (time.com de 22/07/1930, acesso virtual em 25/03/2015).

reafirma que a “Revolução” não ocorreu em setembro porque Lindolfo Collor esperava pelo resultado do concurso (BORGIA, 15 set. 1930: 02).

Apesar de ser fascinado pela estética e modernidades das edificações prediais, das esculturas, da agitação urbana, do cinema e das belezas femininas, o cronista também realçava seu posicionamento conservador sobre o lugar da mulher na família e sobre a música popular vinda dos morros e da periferia.

Paralela as crônicas sobre os concursos de *Miss Brasil* e *Universo*, Amado escreveu em defesa da condenação e prisão da jornalista Sylvia Rodrigues que, no intuito de assassinar seu marido e também jornalista Mario Rodrigues, matou por engano o desenhista Roberto Rodrigues do jornal carioca *Crítica*. Para o autor o problema não era o crime em si, mas a postura da esposa em querer seguir sua carreira profissional: “Mãe de filhos ainda creanças, ia abandona-los e abandonar o marido para dedicar-se inteiramente á imprensa... (Que paíz infeliz o Brasil)” (AMADO, 01 jul. 1930, p. 14). Amado ficou indignado com a sentença do júri que absolve a acusada, e esnoba a solidariedade das colegas jornalistas e de outras mulheres a Sylvia. Num tom machista, o cronista emite sua opinião:

*Foi interessante. Todas as mocinhas suburbanas e quarentonas, que já haviam perdido todas as esperanças de casamento, doentes de histerismo escreveram á assassina de um honrado pae de família, que deixou na orfandade dois filhinhos, hypothecando-lhe as suas solidariedades. (Quanta gente a precisar de hospício ou de... homem).*

*E mais: pediam-lhe conselhos.*

*[...] Dará mãos conselhos, prejudicará muita educação e quem sabe de quantas senhoritas não fará a ruina? (AMADO, 01 set. 1930, p. 14).*

No plano musical Jorge Amado colocava que o bairro da Penha, na capital brasileira, era o berço da vadiagem local e espaço propício para os desocupados comporem e cantarem seus sambas, sendo que esse gênero representava a única criação própria da mestiçagem brasileira e, que sua melodia, refletia nossa tristeza enquanto povo.

*No samba pode se observar bem como essa tristeza que faz o orgulho de todo idiota que intitula sociólogo no Brasil.*

*A tristeza do povo brasileiro, mistura da nostalgia do portuguez desterrado que sonha com a volta á Patria e a revolta abafada no negro escravizado, nada tem de nobre, nem de esthetica (BORGIA, 10 nov. 1930: 02).*

Para o cronista essa tristeza advinda do samba contribuiu para a letargia do povo brasileiro que não quer trabalhar e deixa o progresso do Brasil sempre para o futuro longínquo. Essa preguiça própria do negro e do mulato que “[...] resolveu não mais trabalhar e viver como os padres e outros parasitas, á custa da imbecil caridade do próximo” (BORGIA, 10 nov. 1930: 02), também deixou o homem branco brasileiro preguiçoso e doente. No seu ponto de vista o único remédio para tais males “[...] deveria se curar com chicote” (BORGIA, 10 nov. 1930: 02), e, o homem branco ter consciência que “[...] o mulato que nasceu no Brasil não é brasileiro... É africano” (BORGIA, 10 nov. 1930: 02).

Amado também critica a mestiçagem entre índios e brancos na região norte brasileira, que valoriza em suas práticas e canções o tema da violência, em que a traição e as questões de honra para o homem caboclo tem somente a morte como solução. Nesse bojo das condenações a mestiçagem, o cronista repudiava a visão da mulata carioca como o “grande patrimônio nacional” da sensualidade feminina, ao tratá-la como feia, má, preguiçosa e que devido as farras nos finais de semana, nas “segundas-feiras falta ao trabalho deixando mal a patroa” (BORGIA, 10 nov. 1930: 02).

Um ano após demonstrar todo seu preconceito e racismo, o cronista começou a mudar suas considerações sobre as mulatas, o samba, o futebol e demais práticas populares. Em crônica elogiosa ao escritor Marques Rebello<sup>12</sup>, sobre seu livro de contos *Oscarina*, Amado passou a defender o método usado pelo escritor em aproximar-se dos populares para explorar temas do cotidiano na produção literária. “Marques Rebello criou tipos. Não é apenas fixador de aspectos cariocas. Por que o criador de tipos não é o que inventa o herói. É o que vai busca-lo na vida e traz para as páginas do seu livro como o encontro” (AMADO, 15 nov. 1931).

Ouvir sambas e demais modinhas populares, torcer para equipes de futebol e enamorar-se pelas ancas das mulatas, seguindo o exemplo de Rebello, foram ferramentas vitais que, lentamente, transformaram Jorge Amado num dos escritores mais populares e lidos no Brasil. Porém, o jovem escritor, em suas crônicas e romances iniciais é uma antítese do consagrado literato. É distante dos trabalhadores, racista, machista e não se apropriava de temas da vida e da cultura popular.

---

<sup>12</sup> Marques Rebello também era crítico literário que, por diversas vezes, realizou elogios aos primeiros romances de Jorge Amado em jornais e revistas no Rio de Janeiro.

### Referências:

AMADO, Jorge. O Aniversário da revolução-romances-cinema. **O Momento**, Salvador-BA, 30 nov. 1931, p. 7-16.

\_\_\_\_\_. **O país do carnaval**. São Paulo: Martins, s/d.

\_\_\_\_\_. Legiões revolucionárias. **O Momento**, Salvador-BA, 15 mai.1931, p. 17.

\_\_\_\_\_. Samba. **O Momento**, Salvador-BA, 15 nov. 1931, s/p.

\_\_\_\_\_. **Rui Barbosa nº 2**. Salvador-BA: FCJA (manuscrito), 1932.

\_\_\_\_\_. Um jury sensacional. **O Momento**, Salvador-BA, 1 set. 1930, p. 14.

BORGIA, Alberto [pseudônimo de Jorge Amado]. A Anedota na revolução. **O Momento**, Salvador-BA, 10 nov. 1930, p. 04.

**O Momento**, Salvador-BA, 31 out. 1931, p. 10, 16 e 20.

\_\_\_\_\_. [Literatura – Teatro – Polícia]. **O Momento**, Salvador-BA, 01 dez. 1930, p. 2.

\_\_\_\_\_. [Miss]. **O Momento**, Salvador-BA, 15 set. 1930, p. 02.

\_\_\_\_\_. [O Enterro do Presidente João Pessoa]. **O Momento**, Salvador-BA, 25 ago. 1930, p. 02.

\_\_\_\_\_. [O Grande Ministério da revolução – “Oscarina”, de Marques Rebelo – “Luzes da Cidade”]. **O Momento**, Salvador-BA, 15 jul. 1931, p. 09.

\_\_\_\_\_. [O grito pela constituinte – As últimas eleições na Academia – Livros – Cinema]. **O Momento**, Salvador-BA, 15 ago. 1931, pp. 18 e 22.

\_\_\_\_\_. [O maior cômico do Brasil – A boa pilheria do Sr. Arthur Bernardes – Expoentes nas Academia – Os originais Brasileiros no Teatro]. **O Momento**, Salvador-BA, 15 jul. 1931, p. 21-22.

\_\_\_\_\_. Política. **O Momento**, Salvador-BA, 8 dez. 1930, p. 2-3.

\_\_\_\_\_. [Política – Literatura – Teatro]. **O Momento**, Salvador-BA, 04 ago. 1930, p. 02.

\_\_\_\_\_. [Política – Literatura – Teatro]. **O Momento**, Salvador-BA, 11 ago. 1930, p. 03.

\_\_\_\_\_. [Política – Literatura – Teatro]. **O Momento**, Salvador-BA, 18 ago. 1930, p. 02.

\_\_\_\_\_. [Política – Literatura – Teatro]. **O Momento**, Salvador-BA, 29 set. 1930, p. 02.

\_\_\_\_\_. [Samba]. **O Momento**, Salvador-BA, 10 nov. 1930, p. 02.

\_\_\_\_\_. [Tio Pita viajou/O Reconhecimento/Um escritor e um político]. **O Momento**, Salvador-BA, 02 jun. 1930, p. 02.

\_\_\_\_\_. [Um ministro silencioso – Nova ortografia – Livros novos – “A nossa cultura jurídica”]. **O Momento**, Salvador-BA, 31 jun. 1931, p. 01-15.

\_\_\_\_\_. Um pouco de anedocta. **O Momento**, Salvador-BA, 22 nov. 1930, p. 2.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio [et al.]. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

COSTA, Cristiane. **Pena de Aluguel:** escritores e jornalistas no Brasil (1904-2004). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PEREIRA, Wellington. **Crônica: arte do útil ou do fútil?** Ensaio sobre a crônica no jornalismo impresso. João Pessoa-PB: Idéia, 1994.

RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado.** Rio de Janeiro: Record, 1990.